

BOCADA

Edição nº02 MARÇO 2020



METALEIRAS NEGRAS
DANI PIMENTA
LABBEL RECORDS
VERSU2

Entrevista exclusiva

DJ Chris Read

WHOSAMPLED



Salve! Quase que esta edição não sai. Planejada para ser lançada em dezembro de 2019, a Revista Bocada Forte só aparece agora, no mês de março, após os integrantes do BF superarem diversos obstáculos que envolvem tempo, grana, saúde mental, entre outros problemas que todo cidadão brasileiro que vive neste segundo ano da era Bolsonaro enfrenta.

Ser mídia independente é isso: correria de ponta a ponta, combater a falta de incentivo e reconhecimento da cena e, sobretudo, contar com a ajuda de parceiros que estão na mesma luta para abordar de maneira séria a Cultura Hip Hop.

Nesta edição, trazemos entrevistas exclusivas com Chris Read, do WhoSampled; Dani Pimenta, da Feminine Hi-Fi; Coscarque, do grupo Versu2; Juliana Aparecida, da página Metaleiras Negras, entre outros artistas.

Também contamos com o texto de Jeff Ferreira, do Submundo do Som, sobre a censura no carnaval e a obra de Chico Science. Boa leitura e vida longa ao trampo alternativo.

- 03 Não pode tocar!
- 08 Chris Read na área
- 13 Metaleiras Negras
- 16 Rap, vida, memória
- 22 Feminine Hi-Fi
- 29 Coscarque, Versu2
- 34 Graffiti: Sr.Tas
- 38 Trap: Labbel Records
- 41 Seres Tapes

NÃO PODE TOCAR CHICO SCIENCE EM RECIFE!

A POLÍCIA ATRÁS DELES,
E ELES NO RABO DELA!

SUBMUNDO DO SOM

Por Jeff Ferreira

*Jeff Ferreira é colunista e entrevistador do site Submundo do Som, apresentador do programa radiofônico Consciência Brasileira, na Rádio Educadora Estrela FM, de Jaguariúna (SP), autor dos livros "Manguebit - A Revolução da Lama" e "30 Anos do Disco Hip Hop Cultura de Rua". Produtor executivo do álbum "Guia Prático de Como Fazer Inimigos", do rapper Siloque, e organizador da coletânea "Programa Consciência Brasileira apresenta: Interior, Mas Não Inferior - vol 1.

O carnaval de 2020 chega ao seu fim trazendo feridas de um fascismo que tentou, e tenta, censurar a cultura popular. Os novos relatos vem da terra do manguebeat, onde eventos que ocorreram em Recife tiveram ordem, por parte da polícia militar, de que as bandas não tocassem Chico Science! Recentemente, o jornalista e crítico musical Régis Tadeu publicou um vídeo sobre como seria o carnaval atual se Chico Science estivesse vivo ([confira aqui](#)).

Nesse trabalho, Régis lembra que o Poeta do Mangue faleceu em fevereiro, mês da folia carnavalesca e, como sua falta atingiu fortemente a todos, muitos blocos passaram a homenagear Chico, numa época, 1997, em que os megacarnavais de avenida, com escolas de samba, já não estavam atraindo a multidão, por ser um entretenimento caro e com apresentações elitizadas.

Assim nasceu o bloco Mangue Beat, criado em homenagem a Chico Science, que também constantemente é lembrado pelo Galo da Madrugada, bloco recifense, considerado pelo Guinness como o maior do mundo.

Chico Science virou sinônimo de carnaval de rua, de festa e de folia, pois suas letras, apesar de recheadas de críticas sociais, têm caráter festivo e de celebração. Acompanhados pelo groove da cozinha do Loustal e os tambores de maracatu do Lamento Negro, bloco de samba reggae do Centro Cultural Daruê Malungo, as bandas se fundiram e fizeram nascer a Nação Zumbi, nome em homenagem as Nações de maracatu e ao líder Zumbi dos Palmares.

Porém, toda essa alegria que a figura de Chico transmite foi trocada por repressão e censura no carnaval de 2020, marcado pelo fascismo do atual desgoverno brasileiro. No dia 24 de fevereiro, segunda-feira, na rua do Apolo, no Recife Antigo, acontecia um festival de música alternativa com a apresentação de quatro bandas, mas foi na performance do grupo Janete Saiu Para Beber, que fazia uma homenagem as bandas Chico Science e Nação Zumbi e Sheik Tosado que a censura foi imposta. Em nota divulgada no Instagram da banda, eles descreveram a situação:

"Durante o início da apresentação, um grupo de policiais militares que estava circulando pela rua do Apolo, parou e ficou observando o show. Algumas das canções entoadas como "Sangue de Bairro", "Monólogo ao pé do ouvido" e "Banditismo por uma questão de classe" irritaram alguns dos policiais presentes, que foram questionar a produção do evento sobre o teor dessas músicas. Segundo um dos produtores do evento, Du Lopes, - que dialogou com os PMs - eles exigiram o fim do evento, argumentando que, em suas próprias palavras: "Não pode tocar Chico Science. Chico é som de briga! Não pode tocar!". Neste momento foi apresentado ao oficial presente, toda a documentação exigida por lei para que o evento acontecesse.



Desconhecendo toda a situação que acontecia nos bastidores do evento, o vocalista Cesar Braga, entre uma das músicas, proferiu um xingamento contra o fascismo e seus apoiadores. Em nenhum momento essas palavras foram direcionadas a Polícia Militar, como se pode conferir nas imagens registradas e divulgadas pela banda em suas redes sociais.

Por conta disso, os policiais que estavam dialogando com os produtores, ameaçaram prender o vocalista por desacato à autoridade e injúria. Ainda pediram o encerramento imediato da apresentação. Enquanto os policiais que permaneceram na frente da casa formaram uma barreira entre o palco e o público, intimidando todos os presentes.

A produção do evento, tentando apaziguar a situação e temendo a prisão arbitrária de um dos músicos, solicitou que a banda encerrasse o show. Devido ao diálogo, a produção conseguiu prosseguir com o evento, alegando ainda que as próximas apresentações seriam com letras em inglês, como forma de amenizar a tensão desnecessária".

Outro episódio que aconteceu também em Recife foi com a banda paraibana Zefirina Bomba, como descreveu o jornalista Marcelo Moreira, em sua coluna no Portal UOL:

"A denúncia foi feita pelos integrantes da banda Zefirina Bomba, um dos nomes mais importantes do rock nordestino.

Eles tocavam em Recife em um tributo a Chico Science quando a apresentação foi interrompida durante a música "Banditismo Por Uma Questão de Classe". PMs afastaram de forma truculenta os espectadores que estavam à frente do palco, fizeram um cordão de isolamento ali e ameaçaram o vocalista de prisão caso as músicas de Chico Science fossem executadas".

Cannibal, vocalista da banda Devotos, famoso conjunto do punk rock recifense, em entrevista para o programa Radio Livre, da Rádio Jornal, denunciou a censura que a banda sofreu durante apresentação no Polo da Várzea, no dia 23 de fevereiro, onde foram alertados que se cantassem músicas que falassem mau da polícia, o show seria interrompido, e relata:

"A gente tinha cantado essa música (Banditismo Por Uma Questão de Classe) de Chico Science e outra nossa chamada "De Andada", quando nosso roadie chegou a nós e disse que a polícia estava atrás do palco e falou para a produção que se cantássemos outra música falando mau da polícia, eles acabavam o show".

Esse é o terceiro relato de artistas censurados por entoar a música "Banditismo Por Uma Questão de Classe", de Chico Science, a canção integra o álbum de estreia de CSNZ, o Da Lama Ao Caos, de 1994, a letra fala sobre a ação violenta da polícia, traçando um paralelo com a volante que perseguia os cangaceiros nos tempos de Lampião. O trecho mais explícito é o que diz:

"Em cada morro uma história diferente/Que a polícia mata gente inocente/E quem era inocente hoje já virou bandido/Pra poder comer um pedaço de pão todo fodido"



OGANPAZAN



A música cita bandidos de fama das histórias policiais do Recife, como o Galego da Favela do Coque, o Biu do Olho Verde, que amedrontava suas vítimas com um alicate, e a mística Perna Cabiluda, que no imaginário popular não se trata de um mero bandido e sim uma assombração.

A letra faz crítica a desigualdade social, como é o conceito do álbum Da Lama Ao Caos, e aborda a situação que muitos vivem ao entrarem para o banditismo, não por uma questão de classe, e sim por necessidades. A música mostra a polícia como antagonista, e que apesar de Chico cantar, a frase "Que a polícia mata gente inocente" não parte do artista, e sim das estatísticas, como mostra o site Jus.com.br no artigo "Polícia brasileira: a que mais mata e a que mais morre".

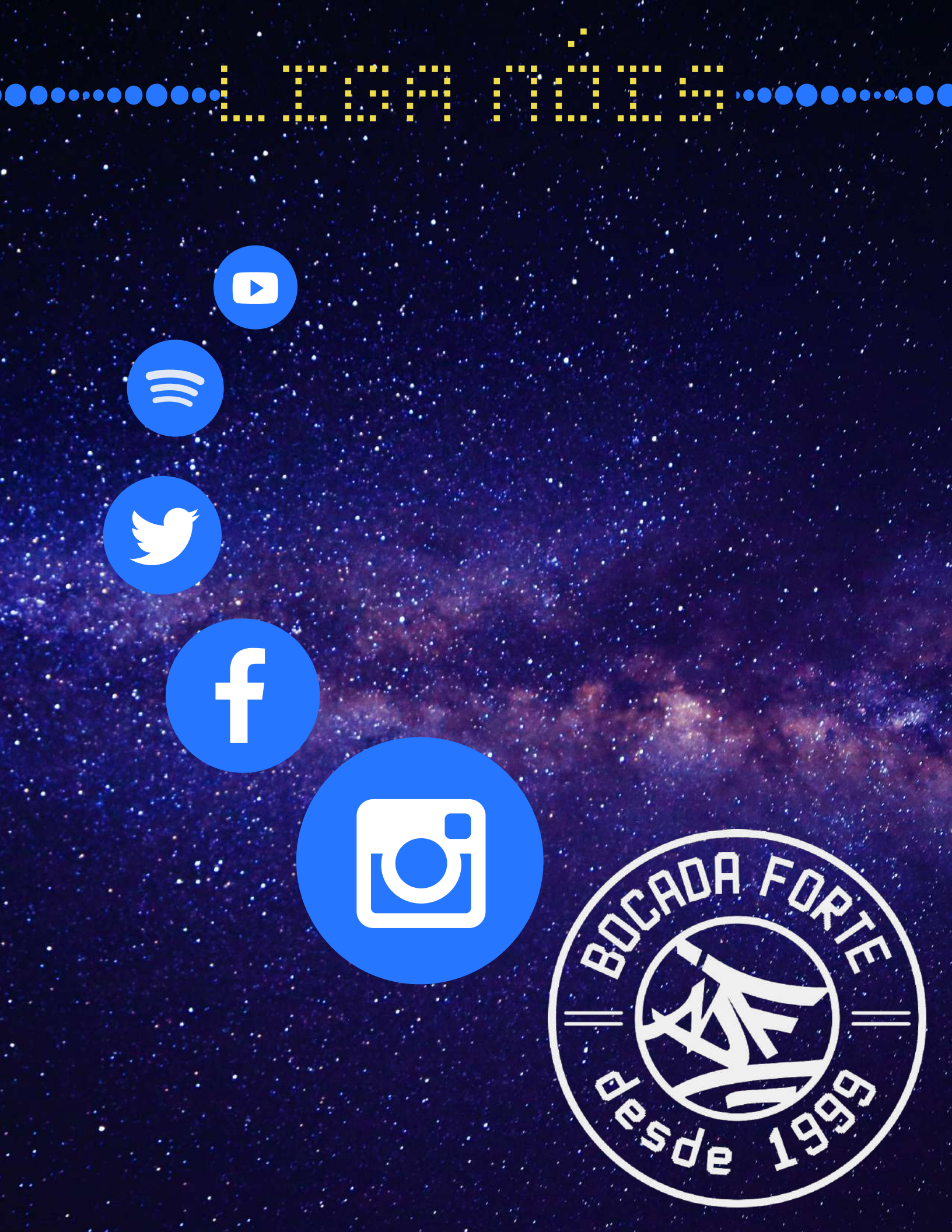
Há um padrão nesses três casos de censura, a polícia se indignou com a mesma canção de um dos maiores artistas pernambucanos em eventos que o homenageavam. O comando da polícia recifense sabia que no carnaval o artista seria citado, como acontece todos os anos desde seu falecimento, e sabia também que uma das músicas de maior sucesso de Chico apontava o dedo na cara da corporação.

Assim partiu uma ordem para que todo e qualquer evento que tocasse Science fosse oprimido sobre alegações fajutas e canalhas de "Chico é som de briga" ou "música que fala mal da polícia".

Com um governo despreparado e assumidamente fascista como o de Jair e seus capangas, a banda podre da instituição, a Polícia Militar, se sente motivada a materializar o fascismo que corre em suas veias e praticar a censura dos tempos da ditadura...ou ensaiam com desejo que um novo golpe ganhe as ruas.

Nós seguimos na resistência. Agora, mais do que nunca, fazemos de "Banditismo Por Uma Questão de Classe" um hino contra essa censura covarde e desestabilização da memória de Chico Science.





LIBRARIAS



Falamos com DJ Chris Read, produtor responsável pelo conteúdo do site WhoSampled

Por Gil Souza

Fotos: Paz Dean

A sigla DJ (Disc Jockey) antes da Cultura Hip Hop existir já era usada para designar alguém que fazia a seleção musical em festas e principalmente em rádios. Mas, a partir do surgimento e popularização da Cultura Hip Hop, a sigla ganhou outro status, os DJs do Hip Hop foram os maiores responsáveis por toda a evolução de técnicas e equipamentos.

O DJ deixou de ser apenas um “seletor de músicas”, criou performances, inventou o scratch e tantos outros malabarismos e efeitos. Muitos se tornaram produtores, a grande maioria, pelo menos durante os anos 70 e 80, foi representada pelos maestros de todos os grandes MCs.

A Inglaterra é um país reconhecido pela valorização dos DJs, é lá que acontece, desde os anos 80, o DMC (Campeonato Mundial de DJs). DJs brasileiros como Marky e Patife se tornaram reconhecidos mundialmente, não apenas pelo trabalho nas noites de São Paulo, mas também pelo reconhecimento a partir do público inglês. Mesmo a Inglaterra tendo uma tradição em valorizar a cultura dos DJs, não são muitos os representantes ingleses do Hip Hop que são famosos aqui no Brasil.





Essa introdução é pra apresentar o DJ e produtor inglês Chris Read, um grande nome pouco conhecido da maioria dos brasileiros.

Talvez vocês já tenham ouvido alguma de suas mixtapes no Bocada Forte ou em alguma outra plataforma.

Em mais de 20 anos como DJ, Read já fez mais de uma centena de mixtapes, a grande maioria delas de Rap.

Uma carreira que começou com apenas 15 anos de idade. Com cerca de 11 anos, o garoto Read já colecionava discos.

Resolveu se tornar DJ, como ele mesmo diz, “para fazer um uso criativo dos discos da minha coleção”.

Aos 18 anos, com a intenção de encontrar pessoas com o mesmo gosto musical, ele começou a promover festas em Londres.

Durante 11 anos (1995 a 2006), Read foi o DJ residente de uma das maiores festas do Reino Unido, a Substance, por onde passaram nomes como Grand Master Flash, DJ Premier, KRS One, Masta Ace, Jeru the Damaja, Souls of Mischief, The Pharcyde, DJ Cash Money e Maseo.

Trabalhou por dois anos como DJ na rádio BBC 1xtra, o que ajudou muito para que ele conseguisse destaque na cena. Seus projetos ligados à música são grandes, importantes e envolvem gravadoras como a BBE, Suburban Architecture, Different Drummer, a revista Wax Poetics e o site Classic Material.

Além de tudo isso, ele é o responsável por administrar, gerenciar e supervisionar todo o conteúdo da plataforma WhoSampled, um site/aplicativo usado por muita gente no Rap para descobrir músicas que já foram sampleadas, para saber por quem, quando e de que forma foram usadas.

Ao BF, Chris falou sobre as leis que regulamentam seu uso, elas variam em cada país, mas são muito semelhantes e atrasadas, sobre isso ele afirma:

“A lei está terrivelmente desatualizada em relação a forma como a música é feita no mundo moderno.” E continua, “essas leis existem desde os dias em que o principal meio de disseminação da música era a partitura.

Elas não se aplicam facilmente às práticas musicais modernas e é por isso que existem inconsistências maciças na maneira como tratam diferentes tipos de criação musical.”

O DJ explica seu ponto de vista e exemplifica: “gravar uma versão cover (copiar efetivamente a música inteira de outra pessoa) é muito mais fácil de fazer legalmente do que pegar uma pequena parte da gravação de outra pessoa, colocar em outro contexto, e transformar em algo completamente diferente (sem dúvida um ato mais criativo).”

Read não conhece nada sobre o Rap brasileiro, dificilmente ouve algo do gênero em outros idiomas que não seja em inglês, a não ser de lugares que ele tenha vivido, como, por exemplo, a França.

Apesar disso, ele já ouviu Rap feito em português e fez um remix para a dupla de Moçambique Simba e Milton Gulli, que mistura inglês e português em suas músicas .

Em relação à música brasileira já é diferente. “Ouço bastante música brasileira, principalmente coisas que são muito sampleadas: Marcos Valle, Eumir Deodato, Arthur Verocai, entre outros artistas.

Gosto dos clássicos da bossa nova, como João Gilberto e Jobim, mas não me considero um especialista. Eu fiz dois volumes da série de mix 'Brazil 45s' para o selo Mr Bongo. Me diverti fazendo esses trabalhos.”

Seu outro contato com o Brasil foi através dos DJs Marky e Patife, já citados antes, e da dupla Drumagick.

Marky teve trabalhos lançados pela BBE, nas palavras de Chris, “ele tem muito bom gosto em relação à Disco Music e ao Soul, fora o material de D&B (Drum ‘n’ Bass) que ele manja muito. Incluí o remix de Roy Ayers na minha compilação BBE15”.

Mesmo sendo colecionador de discos há muito tempo, Chris não tem uma coleção absurda, são cerca de 7.000 discos.

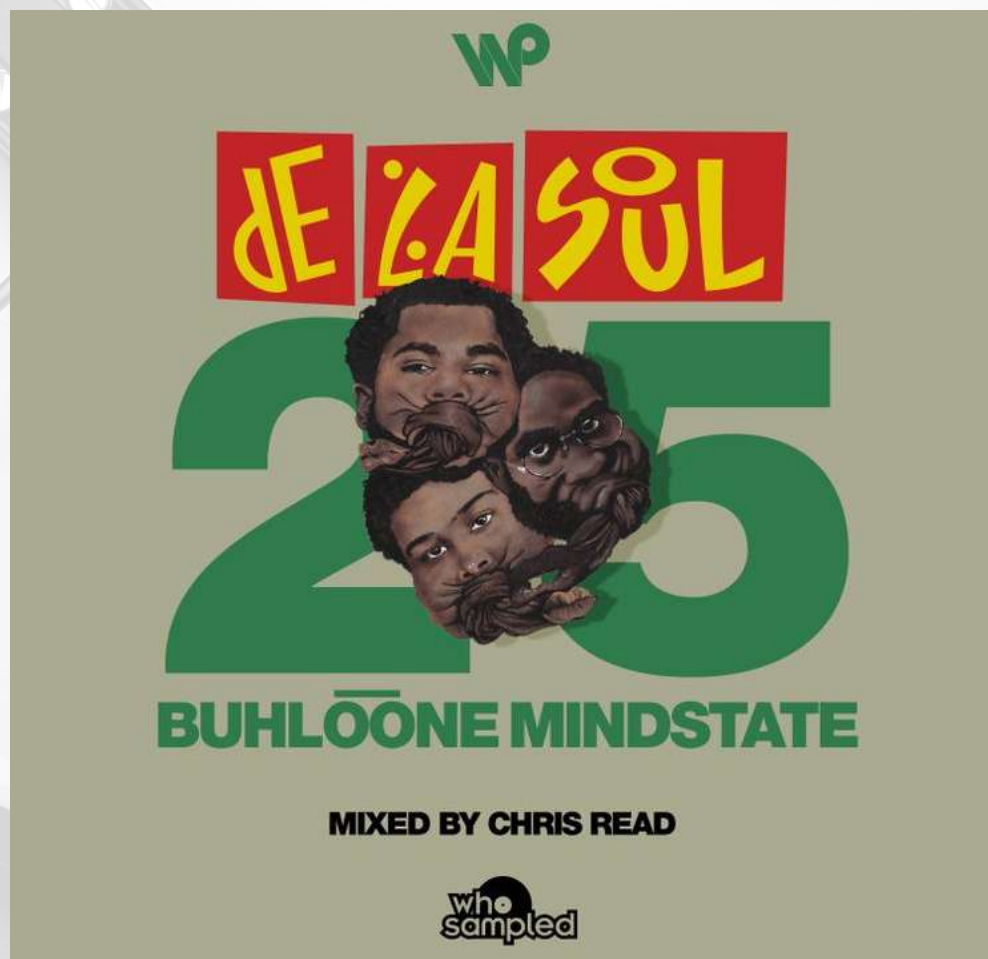
O DJ afirma que prefere mantê-la desse tamanho.

Mesmo comprando muitos discos, ele desapega de alguns, os vende e, dessa forma, vai equilibrando e renovando seu arsenal.

Como a maioria dos DJs e colecionadores de discos ao redor do mundo, ele usa o site Discogs para encontrar álbuns que ainda não tem.

“Eu mantenho uma lista de desejos no Discogs, que já tem cerca de 500 itens no momento”, diz o produtor.

Read afirma que existem discos que perdeu quando foram lançados e que gostaria de obter para completar algumas de suas pequenas coleções.



Suas mixtapes, mais de uma centena, são variadas e o Rap, Jazz, Funk e o Soul predominam. Muitas delas são temáticas ou comemorativas, especiais dedicadas a um disco, uma época ou um artista.

Seu método de gravação envolve técnica, uso de vinis e também a tecnologia, o que, de acordo com ele, ajudou muito na evolução do seu trabalho.

“Eu acho que a transição do vinil tradicional para o Serato foi a grande virada para mim.” Ainda assim ele faz questão de deixar claro, que mesmo fazendo uma edição, tudo é gravado a partir dos toca-discos.

Perguntado sobre todo o processo para a gravação de uma mixtape, ele detalhou:

“Normalmente, passo mais ou menos metade do dia fazendo a pesquisa e outra metade trabalhando em que ordem colocar tudo.

Depois disso, passo algum tempo praticando as viradas para ver se tudo funciona da maneira que eu quero”

Read continua: “Para gravar tudo, leva cerca de um dia e depois é preciso editar. Na maioria dos casos, já tenho a maioria dos discos, mas compro alguns se necessário, geralmente digitalmente. Eu uso discos na gravação onde posso, porque a qualidade do som é melhor, mas a maioria é feita via Serato, porque geralmente há muito uso de loops.”

Ainda sobre as mixtapes, que são uma parte importante de sua história, O DJ deu algumas dicas necessárias para uma boa gravação:

“Em primeiro lugar, boa música, obviamente. Não importa quanta habilidade técnica você tenha se tiver mau gosto.

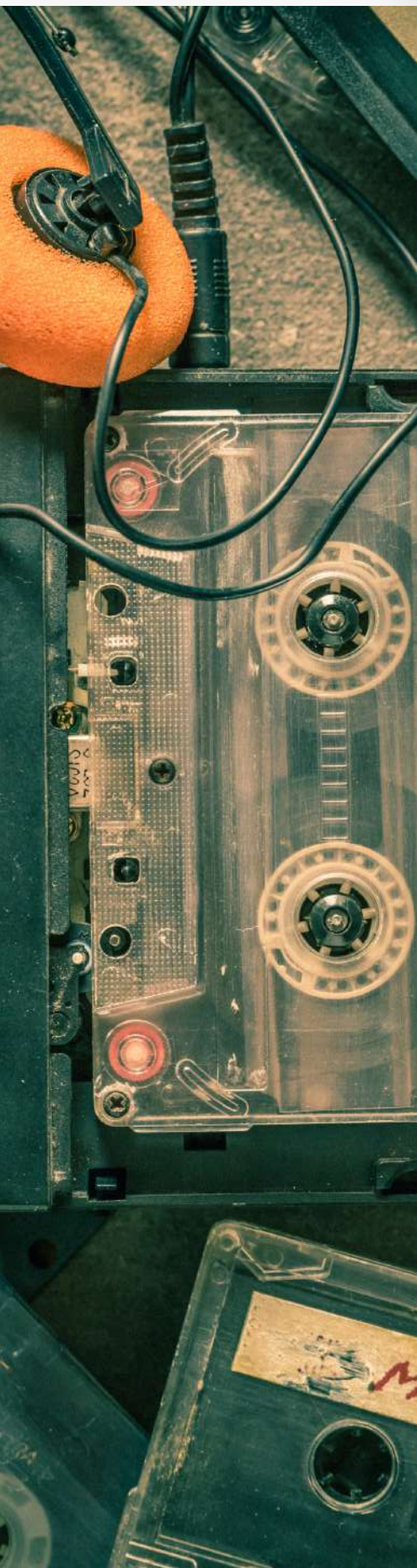
Eu não acho que as mixagens necessariamente precisam ser excessivamente técnicas.

Uma mixagem tecnicamente impressionante pode ser ótima, mas não pode prejudicar a música. Uma boa mixagem, para mim, é aquela que conta uma história ou faz você apreciar a música de uma maneira nova.

Isso deve adicionar algo à experiência de ouvir os discos. Se uma lista de reprodução dos mesmos discos for igualmente agradável, a mixagem não serve para nada.”



who sampled



O seu conhecimento e amor pela música Rap está muito bem representado na sequência de mixtapes “The Diary”, onde ele praticamente conta a história do Rap através dos grandes clássicos.

Entre os DJs que o influenciaram, se destacam os que trabalharam em rádios, como DJ Pogo e Matt White na Kiss FM, Marley Marl, na Capital Rap Exchange, Funkmaster Flex na Hot 97, Stretch Armstrong, na WKCR.

Entre os DJs de festa estão DJ Food, Mr Scruff, Chubby Grooves, The Runaways e Mr. Thing.

Quando o assunto é turntablism, o produtor destaca Rob Swift, Roc Raida e os Scratch Perverts.

Atualmente, Read não se considera tão influenciado por outros artistas da cena. O DJ conseguiu construir o seu estilo. Mas qual seria?

“Hoje em dia eu diria que sou menos influenciado pelos outros do que fui no começo. Na medida do possível, tento fazer minhas próprias coisas.

O meu estilo de tocar é muito semelhante à maneira como gravo mixtapes: muito planejamento.

Tento ser preciso na maneira como as coisas se encaixam.”

Vale ainda ressaltar que no site MixCloud, onde todas as suas mixtapes estão disponíveis, o produtor já figurou na lista dos 100 melhores DJs, na 17ª colocação.

Entre as 100 melhores mixagens, o DJ já ficou na 7ª colocação.

Esse é Chris Read, nunca veio ao Brasil, mas está aberto a convites e, pra finalizar, ele agradece:

“Obrigado a todos que ouviram, compraram ou, no geral, demonstraram amor pelo meu trabalho!”

Para saber sobre todos os seus projetos, lançamentos e contatos, é só acessar:
www.musicofsubstance.com.





Juliana Aparecida com as seis edições do Jornal das Metaleiras Negras, no Kilombar Fest, em Novembro de 2019.

A historiadora Juliana Aparecida é responsável pelas páginas Metaleiras Negras no Facebook e no Instagram.

A ideia de criar a MN surgiu em 2015, com o propósito de perquisar mulheres negras no rock.

Segundo Juliana, com o passar do tempo, houve algumas mudanças na cobertura da Metaleiras Negras.

As discussões da página também são feitas no canal criado pela historiadora no YouTube.

"Atualmente, a página se propõe a divulgar bandas com integrantes negros e a registrar shows na Grande São Paulo", diz.

Confira a entrevista que Juliana Aparecida concedeu ao Bocada Forte. A historiadora falou sobre rock, rap, gênero e racismo, entre outros assuntos.

A página e o canal Metaleiras Negras foram criados a partir de um questionamento sobre os negros no rock. Na época, o que você ouvia além do rock? Você ouvia rap? Chegou a comparar a presença negra no rap com a no rock.

Juliana Aparecida: Na minha adolescência, cheguei a ouvir Thaíde e DJ Hum com o meu irmão.

Essa comparação da presença negra no rap e no rock comecei a fazer depois da página Metaleiras Negras e percebi que o rock não é considerado "som de negro" justamente por ter sido embranquecido, assim como várias criações africanas do continente ou da diáspora.

A discussão racial também vejo muito mais forte no rap do que no rock, o que só reforça o quanto o rock foi embranquecido.

Por Bocada Forte
Fotos: Arquivo pessoal

"Algumas pessoas chegaram a dizer que não entendiam ou não viam sentido em discutir as questões raciais no rock"

“Ainda bem que tem muita gente que percebeu que o rock é uma criação afrodiaspórica”

No rap, a questão de gênero é muito debatida, apesar da propagação do machismo, que é evidente nesse estilo musical. Houve críticas e algum tipo de resistência ao seu trabalho de divulgar a arte das mulheres negras no metal?

Juliana Aparecida: As críticas foram por discutir “raça” no rock. Algumas pessoas chegaram a dizer que não entendiam ou não viam sentido em discutir as questões raciais no rock.

Sem contar quem chegou a dizer que a problematização havia chegado no rock também, pois este gênero musical é “isento” de preconceitos, segundo alguns. Tudo que envolve o resgate da história de pessoas negras é alvo de crítica.

Qual a principal dificuldade para divulgar o trabalho das Metaleiras Negras?

Juliana Aparecida: Percebo que é um segmento um tanto “específico”, porque falo de rock e negritude, temas muito abordados separadamente, mas não juntos.

A galera do rock, em sua maioria, não vê necessidade de discutir questões raciais na música, alguns irmãos acham que o rock é um som supremacista branco, então a dificuldade já apareceu dos dois lados.

Ainda bem que tem muita gente que percebeu que o rock é uma criação afrodiaspórica, pois foi a Sister Rosetta Tharpe, uma mulher negra, quem criou o rock no século XX.

Quando existe pesquisa, quase tudo leva a uma origem negra e isso é muito bom.

Com o tempo, o trabalho do Metaleiras Negras foi ampliando seu leque e passou a divulgar trabalhos de artistas negros, independente do gênero. Como se deu isso? Houve críticas à mudança?

Juliana Aparecida: No início, a proposta da página era pesquisar e divulgar bandas com mulheres negras.

Após a saída de uma das administradoras, a fotógrafa e jornalista Andreza Oliveira, ampliei a proposta da página para a divulgação de bandas com integrantes negros, mulheres ou homens.

Dentro do rock, a proposta é divulgar bandas com integrantes negros de vários segmentos, como o punk, o grunge, não apenas o metal. Em uma escala menor, há a divulgação de músicos fora do rock, porque a ideia é valorizar e divulgar pessoas pretas acima de qualquer coisa.

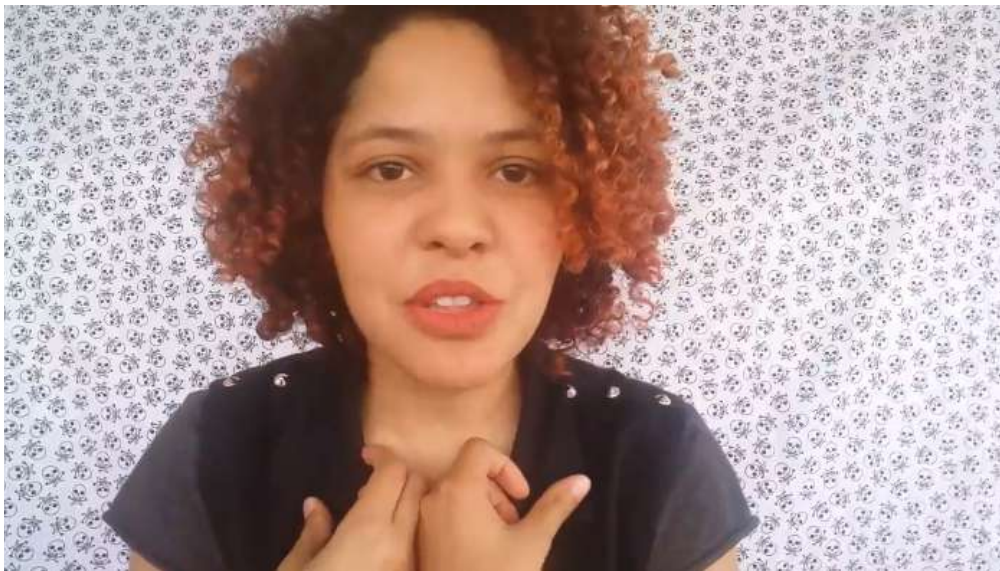


Em entrevista ao site Frrrkguys, você afirmou que ouviu relatos em que pessoas brancas disseram que negros deveriam estar em shows de pagode, entre outros gêneros considerados negros, e não em apresentações de rock. Acredita que isso acontece frequentemente?

Juliana Aparecida: Sim, fiz um vídeo para o canal das Metaleiras Negras- em janeiro de 2018- onde relatei alguns casos de racismo no rock.

Várias pessoas comentaram que já passaram por essa situação desagradável, onde pessoas brancas se achavam no direito de dizer onde os negros que gostam de rock deveriam estar.

Em alguns casos, não chega a ser algo escancarado, mas para quem tem letramento racial, é muito fácil perceber as “sutilezas” que o racismo possui em se manifestar em falas ou gestos.



Fale um pouco sobre os encontros que o Metaleiras Negras promove.

Juliana Aparecida: Foram realizados quatro encontros até o momento, pois eles ocorrem no aniversário da página.

É uma forma de reunir as pessoas negras que gostam de rock, onde podemos conversar, dar risada, conhecer outras pessoas que tenham os mesmos interesses (rock e questões raciais).

Fazemos sorteios de cervejas, prints e até tatuagem, pois os parceiros apoiam muito a página e, no último evento, teve uma roda de conversa onde discutimos justamente a negritude e o rock, tema que faz parte da proposta da página.

Em 2020, celebraremos o aniversário de cinco anos da página Metaleiras Negras. O evento será realizado no segundo semestre, no mês de julho.

Como historiadora, qual sua análise sobre o atual momento do nosso país, levando em conta as questões sociais e raciais?

Juliana Aparecida: Estamos em um momento muito difícil, não que estivesse bom antes, pois sabemos que para negros e indígenas este lugar é hostil desde os séculos 15 e 16.

Atualmente, as violências estão mais explícitas e muitas máscaras caíram, então sabemos quem realmente está do nosso lado e quem não está.

Precisamos nos aquilombar antes de tudo.

Não vejo perspectiva de melhora tão cedo neste atual governo, que possui falas e políticas nefastas que afetam com mais intensidade povos marginalizados historicamente.



Logo feito pela metaleira negra Thamyris Aquino.





RAP, VIDA, MEMÓRIA RESGATE, HISTÓRIA

Por Bocada Forte
Fotos: Divulgação

Lembrança e esquecimento. A memória individual sempre junta várias resenhas e é influenciada por esferas coletivas, sejam do passado, sejam do presente.

São vivências, experiências revisitadas a partir de um ponto que gera uma discussão, de uma provocação num debate, ou apenas uma pequena viagem ao ontem naquele momento em que ouvimos uma música ou nos deparamos com uma capa de um álbum.

Sentimos o cheiro do ambiente em que assistimos aos shows ou dançamos os raps de determinados grupos em diferentes casas noturnas, lembramos das roupas que estavam na moda, recordamos as diferentes aventuras esperando e procurando transporte pelas madrugadas.

Contamos os romances, revisitamos locais e encontramos no passado parte do que somos hoje. O BF convidou algumas pessoas para falar sobre o assunto e contar suas experiências.

"Hoje a galera pesquisa, mas viver quando esse álbum estava acontecendo foi muita gangueiragem"

"O rap não é apenas um estilo musical, é um lifestyle"



O CASAL

Janaina Bernardo, 43, corretora, moradora de São Caetano (SP), fala do clássico “Enter The Wu Tang (36 Chambers)”, álbum de estreia do grupo de hip hop americano Wu-Tang Clan.

“Fiquei na dúvida entre ele e o “Licensed To Ill”, do Beastie Boys, que também é trilha sonora da minha vida, ainda assim fico com o primeiro.

Acredito ter sido um álbum especial pra minha geração, um divisor de águas no cenário musical. Ainda não vi uma peça de reposição que causasse o que eles fizeram.

Em paralelo a isso tudo que acontecia na gringa, no meu mundo era um tempo de descobertas, as fitas K7 não saíam do meu fone. Eu lembro do perfume que eu usava na época, do vento frio que fazia em São Paulo batendo no rosto.

Lembro que não me segurava em casa, que o ‘esquentar’ do rolê era feito com DanUp de 500ml que vendiam no 7-Eleven racista (hoje eu não suporto nenhum tipo de tanto que tomei - risos). Das madrugadas na pista da Prestígio.

São muitas histórias pra contar, as viagens com a turma, as festas em casa invadida, os que infelizmente foram ceifados e não estão mais entre nós.

Hoje a galera pesquisa, mas viver quando esse álbum estava acontecendo foi muita gangueiragem.

Eu não acreditava no que os caras estavam fazendo, todo mundo queria ter uma crew como eles, meus amigos copiavam a roupa do clipe pra usar no baile o jeito de andar, de falar, rimavam em cima da base. Foi incrível!”



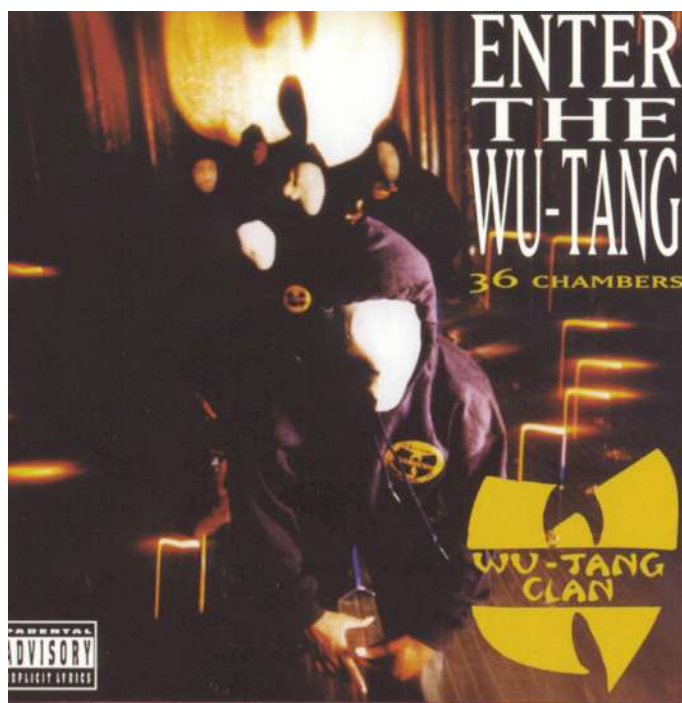
Clayton Bertolino, 41, autônomo, é companheiro de Janaina há 3 anos.

Os dois se conheceram há 27 anos, curtindo as mesmas festas de rap.

Uma música que me traz boas lembranças é "Cream", do Wu-Tang Clan. Comecei escutar rap no final dos 80's e começo dos 90's. Comecei a sair em 1992.

Além do Wu-tang, são muitas referências: Erick B e Rakim, Gangstar, entre outros.

O rap não é apenas um estilo musical e sim um lifestyle. As coisas apenas fluem, o hip hop me ensinou os princípios básicos da vida, a lidar e respeitar o espaço do outro. Eu e minha amada estamos juntos há 3 anos, nos conhecemos há 27 anos.



O disco que é unanimidade para Janaina e Clayton

DO RIO DE JANEIRO

Flávio XL, 41, rapper, professor de biologia, morador da Penha, bairro da zona norte do Rio de Janeiro.

"Com relação às músicas e memórias, a primeira coisa que me vem de exemplo são as montagens de funk de equipes antigas como a ZZ, que me traz uma nostalgia: clima periférico de baile e celebração entre os nossos, ainda que antigamente existisse a divisão entre lados.

No meu contexto, é sempre uma lembrança positiva. Esse tempo, essa cultura que reina nesses territórios até hoje.

No rap, para além dos muitos clássicos quase unânimes, eu tenho uma relação muito gostosa quando ouço Black Alien e Speed ("Mulheres e Crianças Primeiro", "Marijuana").

Lembro daquela atmosfera da Lapa na virada pros anos 2000.

Mesma coisa quando ouço Quinto Andar, era um sentimento de união e de caminhos sendo escritos ali.

Antes de cada um seguir seu lado. Ouvir esses sons me saltam todos esses sentidos."



TODOS SÃO MANOS

Buia Kalunga, rapper, compositor, ativista e produtor musical, morador do ABC.

"Tem um disco que me traz uma lembrança bem específica. É o disco do RZO, 'Todos São Manos'.

Esse álbum me faz lembrar de uma viagem que eu fiz com uns parceiros lá da Vila Planalto, em São Bernardo.

A gente foi pra um site da família de um camarada, lá em Minas Gerais, e não tinha muitos CDs no carro. Um dos CDs era esse do RZO e a gente foi escutando por toda viagem.

Também escutamos lá na casa...várias vezes. Eu convivia muito com essas pessoas. Hoje não convivo mais.

A música 'Todos São Manos', que fala do ABC, ficou na memória."



MAIS WU-TANG

Beatrice Oliveira (DJ Biabless) e integrante do Estaremos Lá.

"Mas então, Wu-Tang Clan né mano! O álbum 36 chambers. Era impossível!

Na época, no meu bairro, não tinha os roles, tinha as festas que nós fazíamos.

A gente saía do nosso bairro, do Cangaíba, na zona leste, para os grandes centros, Pinheiros, Paulista. O Class pra mim foi o auge. Acho que pra geral!

Me marca até hoje...tudo! A roupa que eu usava pra ir, no começo eu ia com as roupas largas de skatista, depois eu fui me sentindo mais mulher né, eu tinha 18, 19 anos na época, aí metia uns vestido e pá, uns saltos, um sobre tudo, e entrava na roda do bate cabeça mesmo assim. 7-Eleven, bebida no saquinho, os boys mancando.

Minha musica nessa época, entre várias, era 'All I need', do Method Man com a Mary J. Blige. Não podia tocar essa que a gente vibrava, era um coro só! Foda demais lembrar disso, envolve tanta gente que não tenho mais contato, gente que já se foi, morreu!"



RACISMO É CRIME DENUNCIE 0800-773-3886

SOS Racismo - Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo
Av. Pedro Álvares Cabral, 201 – Sala Prof. Eduardo de Oliveira Andar Monumental
E-mail: sosracismo@al.sp.gov.br – www.al.sp.gov.br/sosracismo
Fone/Fax: 3886-6299 – Atendimento de segunda a sexta-feira



dani pimenta

REGGAE



'TEMOS UMA RESPONSABILIDADE SOCIAL ENQUANTO MULHERES ATUANTES NO SOUND SYSTEM'

UMA ENTREVISTA COM UMA DAS FUNDADORAS
DA FEMININE HI-FI, DANI PIMENTA

Por Erica Bastos

Dani Pimenta é seletora desde 2012, mas sua história como DJ e produtora começou um pouco antes. A responsável por projetos importantes para cena reggae, como o Feminine Hi-Fi, o blog Groovin Mood, a Feira de Discos de Reggae e Mapa Sound System Brasil começou escrevendo em meados do ano 2005. Dani já foi colaboradora do Bocada Forte

“Naquela época, eu frequentava as festas de rap. Eu ia no Class, Blen Blen, Brancaleone, só que sempre estava flertando com outras sonoridades. Em 2006, eu comecei a colar no Java, uma festa do Dubversão que tem aqui em São Paulo. Na época, era na rua Augusta. Ali foi uma abertura de portal. Quando eu conheci estas faces do reggae, eu me apaixonei completamente”, recorda a seletora.





Andrea e Dani não pararam. Juntas, as seletoras fizeram várias festas e, de alguma forma, sempre conectaram o trabalho das mulheres do reggae e da discotecagem. “Homens tocaram em nossas festas, mas procuramos trabalhar mais com as minas, desde o começo”, afirma Dani.

Continuando sua saga no mundo da discotecagem, Dani, junto com outras amigas, criou uma festa chamada Mulherio Festival, o ano era 2014.

“Não tocávamos só reggae, mas esse foi o primeiro rolê que eu fiz que só tinha mina. DJ, produtora, fotógrafa, caixa, todas mulheres. A gente fazia palestra, bate-papo, rango, bazar. Era um mini-festival mesmo. Rolavam várias atividades. Tinha cantinho para crianças. Tinha mina cortando o cabelo...”

Dani ficou na Mulherio durante um ano e meio. “Sabe quando você entra naquela crise existencial? Então...eu não sabia mais se queria tocar, não sabia se ainda queria fazer festa”, recorda a seletora. A Mulherio continuou por mais um tempo, mas acabou morrendo.



Dani, também conhecida como Dani I-Pisces, começou a trabalhar com o reggae por meio da escrita. A produtora criou um blog em 2008, o Groovin Mood, que está no ar até hoje. Mas tudo ao seu redor conspirava para que a blogueira começasse sua experiência no mundo dos toca-discos. “Alguns amigos meus diziam que eu tinha que tocar, pois comecei a comprar uns discos, ganhar outros.”

Foi em 2011, após uma conversa com Andrea Lovesteady- DJ e produtora, uma das fundadoras da Feminini Hi-Fi e colaboradora do Groovin Mood-, que as duas comunicadoras do reggae resolveram fazer uma festa com o mesmo nome do blog. A festa rolou em 2012.

“Eu nem sabia colocar os discos direito, mas eu queria fazer alguma coisa nesse sentido. A festa foi um sucesso. Rolou no Prato do Dia, evento realizado na praça Roosevelt. Acho evento nem chamava Prato do Dia ainda. Tinha outro nome, outro rolê. A Groovin Mood encheu a Roosevelt, foi muito louco”, relembra. A festa do blog teve três edições, incluindo a celebração de cinco anos do Groovin Mood.

DOMINANDO A SELEÇÃO

“A gente tinha poucas oportunidades para tocar. A gente tocava quando estava produzindo alguma coisa ou quando era macho que chamava a gente pra tocar...você sabe qual a intenção. Isso sempre foi um incômodo. A gente não queria esperar chegar o mês de março (nas comemorações do Dia Internacional da Mulher)”, diz Dani.

A reação a isso tudo veio no começo de 2016, com uma festa que, além das seletoras do Groovin Mood, incluiu outras mulheres. As minas não iam mais esperar que os manos fizessem uma festa e as convidassem para tocar.

Dani criou um grupo no Facebook e convocou a cantora Layla Arruda; sua parceira de outras festas, Andrea Lovesteady e Renata, conhecida na cena como Rude Mama, uma das seletoras da primeira safra de São Paulo.

Foi Rude Mama quem deu a ideia de fazer a festa em formato sound system. Dani decidiu que a festa deveria ser na rua. Nascia a Feminine Hi-fi.

“Sempre foi difícil para nós mulheres em qualquer lugar. Na música brasileira a gente tem um espaço um pouco maior. No reggae não era bem assim. A cultura sound system, onde a gente atua, é muito masculina. É só homem, homem, homem.

Quando a gente começou a falar da Feminine, virou uma coisa sem controle. Havia uma demanda muito reprimida. Antes que a gente transformasse a Feminine num projeto, transformaram nossa proposta em um projeto. Antes de rolar a primeira festa, a galera já estava perguntando quando seria a próxima”, afirma a seletora.



'A GENTE QUER ESPAÇO PARA OUTRAS MINAS TAMBÉM"



Dani também afirma que muitas DJs, MCs e cantoras - que pensavam em parar com suas carreiras - seguiram em frente a partir do convite para apresentações feito pelas integrantes do Feminine Hi-Fi.

NA RUA, O RESPEITO À QUEBRADA

Em 2016, Feminine Hi-Fi estreou na CDHU Voith, no bairro do Jaraguá. "A Renata (Rude Mama) mora lá. Tem também a questão do sound system ser uma movimentação da quebrada. A gente não via sentido em começar em outro lugar. A gente transita em outros lugares, mas a gente vem desse rolê", conclui a produtora.

Em um ano, foram quatro edições da Femini Hi-Fi, três delas na Voith. Para facilitar o acesso dos fãs de reggae e suas vertentes, a outra edição da festa, realizada no Largo da Batata, em Pinheiros, lotou o local com pessoas dos quatro cantos da cidade.

O resultado do trabalho das seletoras veio com o tempo. A Feminine Hi-Fi invadiu o circuito Sesc, marcou presença na Virada Cultural de São Paulo. Convites chegaram de todos os lados e as mulheres produtoras levaram a cultura soundsystem para diferentes cidades.

Chegou o ano de 2018, e as minas trouxeram a cantora jamaicana Jah9, um dos ícones do reggae revival.

Elas também foram para a Europa, realizando uma turnê de dois meses e passando por um total de seis países (Alemanha, França, Itália, Suíça, Reino Unido e Espanha) e 12 cidades.

ETERNO RETORNO

Em 2020, A Feminine Hi-Fi planeja um retorno às suas origens, com eventos nas quebradas e oficinas. “Não vamos deixar de fazer as outras paradas, mas a ideia é voltar a fazer mais eventos como a gente fazia antes”, diz Dani.

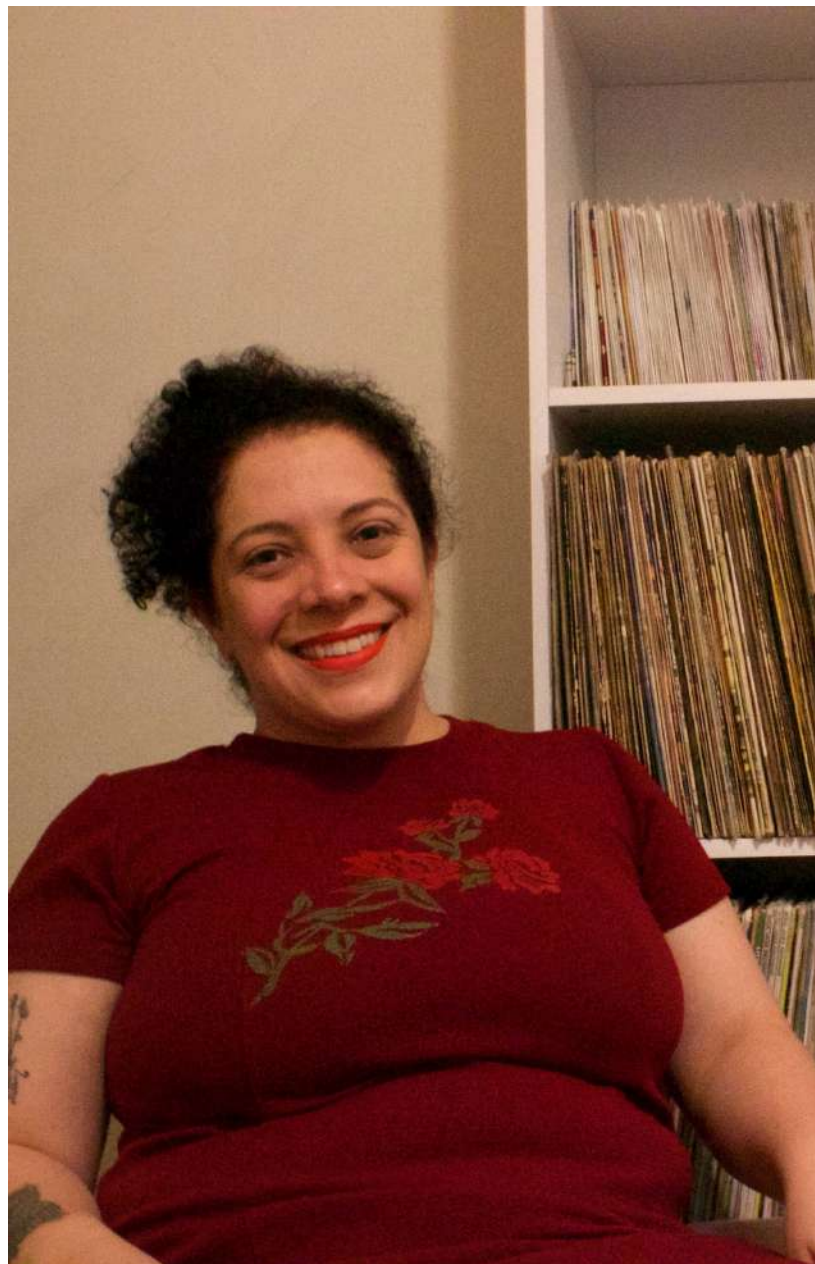
“Festa de rua fica mais difícil com o cenário político atual, mas pretendemos fazer junto com a comunidade”.

Vendo sua caminhada pelo retrovisor, a DJ e produtora fala sobre a construção da identidade das minas na discotecagem e a representatividade feminina.

“A gente quer um espaço, mas a gente quer espaço para as outras minas também. A gente tem uma responsabilidade social enquanto mulher atuante no sound system”, conclui a DJ.

Apesar de serem destaque em diferentes mídias e sites descolados. As minas não estão no bonde dos deslumbrados.

“Em 2020 queremos ser menos artistas e mais um espaço para as outras minas”. Que assim seja.



PELA REDE

**Feminine Hi-Fi**

· December 17, 2019 ·

Nesse ano de 2019, nossa missão ecoou em mais de 46 sessões, 105 horas de música direto dos discos de vinil, 6 festivais, 1 lançamento FHF Tunes, recebemos mais de 27 convidadas em nossos bailes, 1 turnê na Europa, 3 workshops, muita informasom e boas energias compartilhadas.

Feminine Hi-Fi agradece você que colou com a gente, dedicou um pouco do seu tempo para nos conectarmos e fortalecermos. Fechamos esse ano com muita gratidão no coração e com aquele sentimento de batalha vencida. Que venha 2020 cheio de trabalhos, prosperidade e novidades. A missão não para!

Pra você que tá se perguntando: eai, não vai ter um bota fora 2019? A resposta é: COM CERTEZA!

Nossa última sessão do ano rola sábado na **AUTA**.

Dani I-Pisces e **Lys Ventura** comandam o baile pra você: dançar, meditar e celebrar.

Vamo todo mundo que depois só ano que vem!

Evento: <https://www.facebook.com/events/592657944835654/>

**"CONSTRUÍMOS EVENTOS
SÓLIDOS E IMPORTANTES
PARA A CENA CULTURAL DA
CIDADE E ESTADO. MESMO
ASSIM, A MÍDIA FINGE NÃO
VER", DIZ COSCARQUE**

Por Bocada Forte
Fotos; Divulgação

Formado em 2008, Versu2 é símbolo da inovação e ousadia no rap brasileiro. O grupo lançou recentemente o disco "A Trama dos Tambores". De Salvador (BA), Versu2 tem Mobbiu, Coscarque e o DJ e produtor Munhoz na atual formação.

Conversamos com Coscarque, que também é o idealizador do projeto 3º Round – Circuito de Rima Improvisada, que rola desde 2013. Além de abordar ações pioneiras e os novos rumos dos integrantes do grupo, o artista falou sobre o significado do novo disco na atual fase do rap brasileiro e as participações especiais em "A Trama dos Tambores". Coscarque também deu sua opinião sobre a mídia do Hip Hop:

"Os meios de comunicações ainda continuam priorizando o Eixo Rio-SP, falta mídias como Oganpazan, com coragem de ir além do clichê e desbravar nossas possibilidades para se comunicar e enriquecer ainda mais a linha editorial da mídia". Leia a íntegra da entrevista:



Bocada Forte: Direto ao assunto: vocês afirmam que este disco fecha um ciclo. Poderia falar mais sobre isso?

Coscarque: Esse disco era o que faltava para se sentirmos que cumprimos nosso papel como grupo na cena. Em 2010, lançamos “Segredo da Harmonia”, uma produção audiovisual nunca vista antes e que a grande maioria achou que era uma obra feita no eixo Rio-São Paulo.

Trabalhamos circulação de diversos artistas aqui na Bahia, dentre eles, Emicida, Kamau, Don L, KL Jay, Inumanos e tantos outros. Esse modelo é praticado até hoje. Mostramos que sabíamos o que estávamos fazendo. Falta o disco, mas não um disco qualquer. Esse disco finda uma super parceria. Agora são novos rumos artísticos, profissionais e pessoais.

BF: Além do lance do ciclo, para vocês, o que o disco “A Trama dos Tambores” representa na carreira de cada um?

Coscarque: Eu particularmente, com a ATDT (“A Trama dos Tambores”), me sinto realizado como artista por poder, junto com o Raffa Munoz e o Mobbiu, conceber um disco tão impar numa era de tantas tendências e liquidez.

Ele representa a força do Hip Hop, o cuidado na escrita, a mensagem, a poesia, a ousadia na musicalidade e a coragem de permanecer negro ideologicamente.

BF: Um disco com personalidade numa cena em que muitos ainda têm a ideia de “ser padrão” como critério de qualidade representa resistência, um ataque ou apenas o registro de uma fase?

Coscarque: Nem um nem outro, apenas Versu2 na sua real forma de fazer arte.

BF: Qual o significado do nome do disco?

Coscarque: O nome do disco pegamos emprestado e em homenagem à Goli Guerreiro, uma antropóloga baiana que escreveu o livro “A Trama Dos Tambores”, que eu li há uns dez anos pela primeira vez.

O significado de adotarmos esse nome ao disco é pela simbologia do próprio nome em si, a forma como os Blocos Afros tiveram que se manter firmes para conquistar seu espaço, rente ao preconceito e racismo assassino, que não dormem.

O nome é a simbologia africana, é a reconexão espiritual, ideológica, é a filosofia Sankofa colocada em prática, é o legado de Neguinho do Samba e o Poder do Samba Reggae, é a identidade de um povo que tem orgulho do cabelo e sua raça, é o Hip Hop Vivo e seus tambores digitais.



Coscarque, Munhoz e Mobbiu

**"LIBERDADE DE NÃO
TER MEDO DE
ERRAR. QUANDO
VOCÊ VENCE ESSE
MEDO VOCÊ CRIA
POSSIBILIDADE
NUNCA ANTES
VISTA POR VOCÊ.
PODER VIVENCIAR
ISSO É UM
AMADURECIMENTO
EXTREMO"**

BF: Desde a sua fundação, os temas originais e beats diferenciados são a marca da Versu2. Como foi o processo de escolha dos samples para os instrumentais e a produção do disco?

Coscarque: O disco é todo produzido pelo produtor musical Raffa Munhoz, ele foi o responsável por captar a ideia do conceito do disco e tornar essa obra real. Queríamos muito, desde o single "Que som é esse man?", de 2010, fazer algo como ATDT, mas faltava alguém como Raffa Munhoz para deixar as músicas como pensávamos que deveriam soar.

Através de pesquisas, conversas, vivência e mão na massa, chegamos ao que é o disco hoje. O disco tem pouco recurso de samplers, boa parte do que soar como samplers é intencional mesmo, o Raffa Munhoz é alguém que os grandes artistas precisam conhecer, ele é fantástico e muito criativo.

BF: Fale sobre as participações do disco.

Coscarque: Tivemos a honra de contar com um time de peso na construção do disco. Todos os artistas presentes na ATDT são pessoas que admiramos e mantemos uma boa relação.

O disco conta com Cadinho e Dubman na faixa "Liberdade", uma composição linda do Mobbiu que interpretei. Jaya Luuck e Jovem Senpa (Underismo) somaram nas faixas "Cidade Loka" e "Sem Holofotes" respectivamente. Na canção "Oloboom", temos a participação do Nego Gallo (Costa a Costa). Sant, na trilha "Insônia", onde falamos um pouco sobre o processo de depressão e suas faces. Ananda Savitri é a voz doce em "Garra". Raonir (Àttooxxáá) chega para abrilhantar a música "Faz Bem". Nessa fecha o time em "Condizer".

BF: Como é ser atuante na cena hip hop hoje? Os caminhos que frequentemente traçam apresentam quais experiências?

Coscarque: Bem mais que atuante talvez a relevância seja mais importante, hoje é tudo muito igual, raso. Isso é cansativo. O caminho que buscamos é a estrada de uma arte que faça sentido na vida das pessoas, pois dessa caminhada é que trazemos as melhores experiências que levamos pra vida.

BF: Muito se fala em amadurecimento. O que isso significa para vocês?

Coscarque: Liberdade de não ter medo de errar. Quando você vence esse medo você cria possibilidade nunca antes vista por você. Poder vivenciar isso é um amadurecimento extremo. Quantos ficam no caminho com medo das críticas, da falta de espaço, de visibilidade, de recursos e credibilidade? Quando se acha força para ir além disso, o amadurecimento se faz presente, você cria novas rotas, nova mentalidade. São os tambores tramando a revolução.

BF: A cena rap hoje está bem diferente daquela do início da Versu2. Acha que, de alguma forma, ajudaram a abrir algumas portas para que artistas fora do eixo Rio-SP, pois além dos trabalhos autorais, também promoveram eventos importantes?

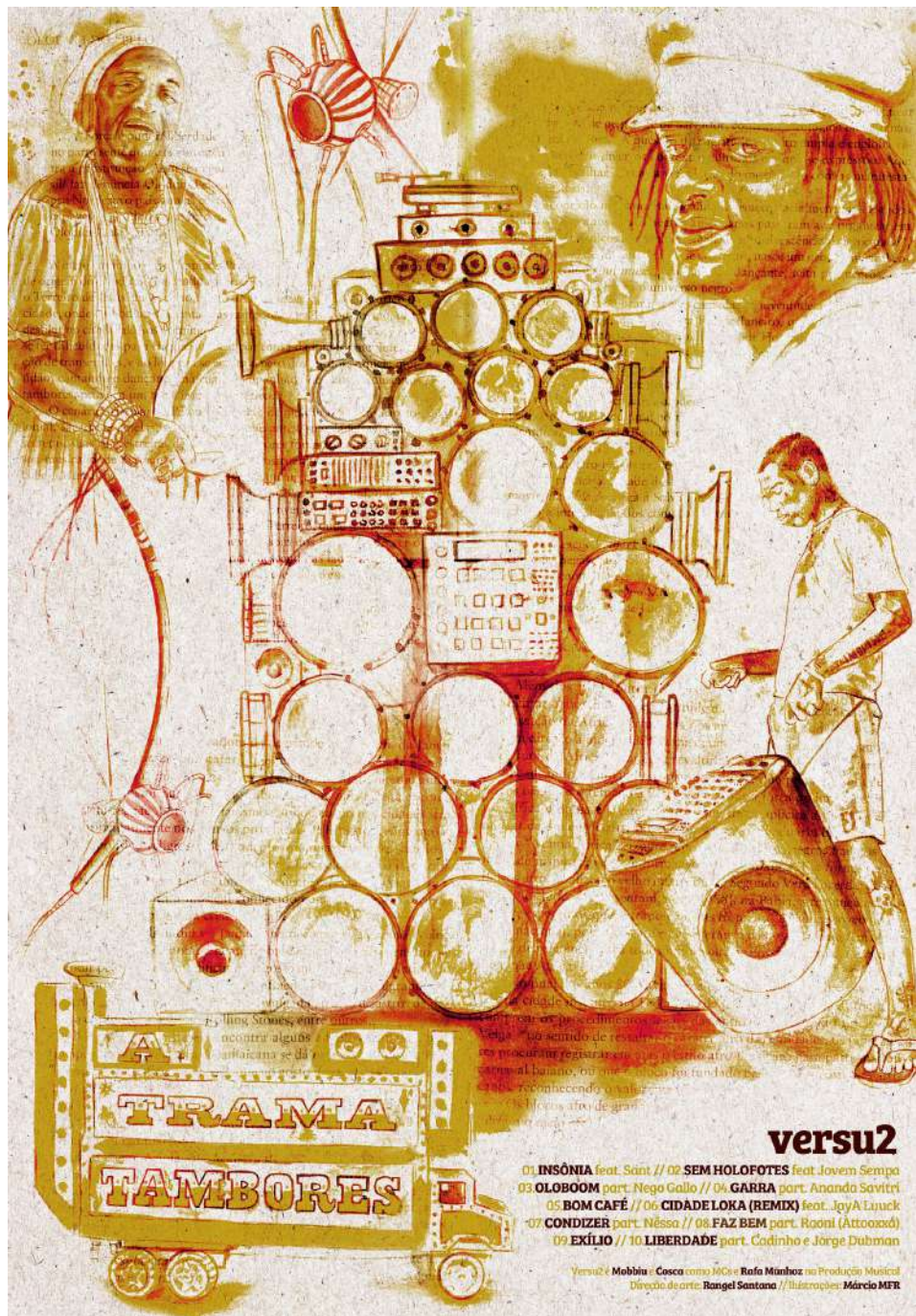
Coscarque: Essa resposta sempre esteve entre nós, mas deixamos para vocês responderem. Muito se fala no Rap fora o eixo Rio-SP, mas sabemos que isso ainda é uma tremenda ilusão, não pela carência artísticas dos outros lugares, que já mostraram sua força e criatividade, mas é só olhar o pouco espaço conquistado e ter uma prova disso tudo.

Os meios de comunicação ainda continuam priorizando o Eixo Rio-SP, falta mídias como Oganpazan, com coragem de ir além do clichê e desbravar nossas possibilidades para se comunicar e enriquecer ainda mais a linha editorial da mídia.

Um exemplo é o Gustavo Pontual, talvez o primeiro artista a mostrar que tinha Rap de qualidade fora o eixo Rio-SP. Veja o quanto a mídia ignora esse cara. Posso listar alguns que tiveram espaço e mostraram o poder que outras localidades tem como Djonga, Don L, Hot e Oreia, Victor Xamã, Baco Exu do Blues, Jaya Luuck, Dudu, Makalister, Froid, Karol Conká, entre outros.

Falando de eventos, aqui em Salvador temos o 3º Round – Circuito de Rima Improvisada, a maior vitrine do Hip Hop baiano, o Lama, o evento mais underground da cidade, tínhamos a Classudos – Rap Jazz, ambos eventos sólidos e importantes para cena cultural da cidade e estado. Mesmo assim, a mídia finge não ver.

"OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO AINDA CONTINUAM PRIORIZANDO O EIXO RIO-SP"



Clique na imagem abaixo e ouça "A Trama dos Tambores"



Central Girls



Rua Dr. José do Amaral, 289 - Jd. 3 Marias
São Paulo- SP

Tel. - (11) 2026.0108 / 3892.6793

Whats - 1194752.3350

www.facebook.com/centralgirls

www.instagram.com/centralgirls

Loja Virtual - www.centralhh.com.br

Site - www.centralgirls.com.br

ARTE URBANA POR ELAS



POR ERICA BASTOS

O TRABALHO DE SR.TAS

A partir desta edição, a **Revista Bocada Forte** irá trazer o universo das mulheres que contribuem com a arte urbana brasileira, buscando novos olhares, perspectivas e reflexões.

Como um dos cinco elementos do Hip Hop, o graffiti também ocupa seu lugar de destaque no Brasil e é referência nesta arte para o resto do mundo.

Num país cheio de problemas sociais e profundos, como o legado da escravidão, nossas manifestações reverberam na arte periférica. Pensamos que valorizar mulheres negras e artistas, estamos assim contribuindo para uma cobertura jornalística justa e com mais diversidade.

Ananda Santana, conhecida pela tag **Sr.tas** (leia-se Senhorita), foi a escolhida para iniciar nossa sessão, de Salvador, Bahia, Srt.as grafita há 5 anos pelas ruas da capital soteropolitana. Ela se apaixonou pelo estilo por ser uma arte que une mensagem, conhecimento e a rua, para Ananda sua inspiração nasce nas mulheres negras, na maioria delas senhoras. Segundo a artista as senhoras negras trazem toda sabedoria e ancestralidade importantes para nossa sociedade.

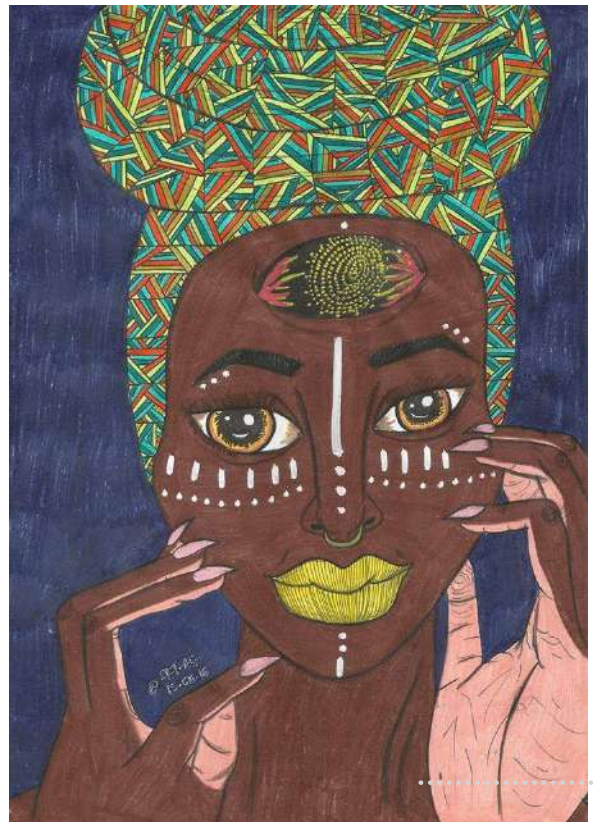
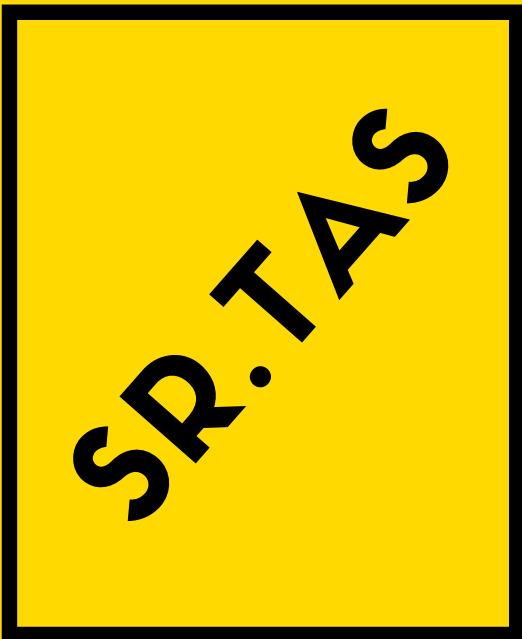
“O conhecimento delas é lindo, é a minha base de inspiração, é algo que me chama muito atenção. Me inspiro também nas ruas, nas falas das pessoas, no contexto da cidade”, diz a artista.

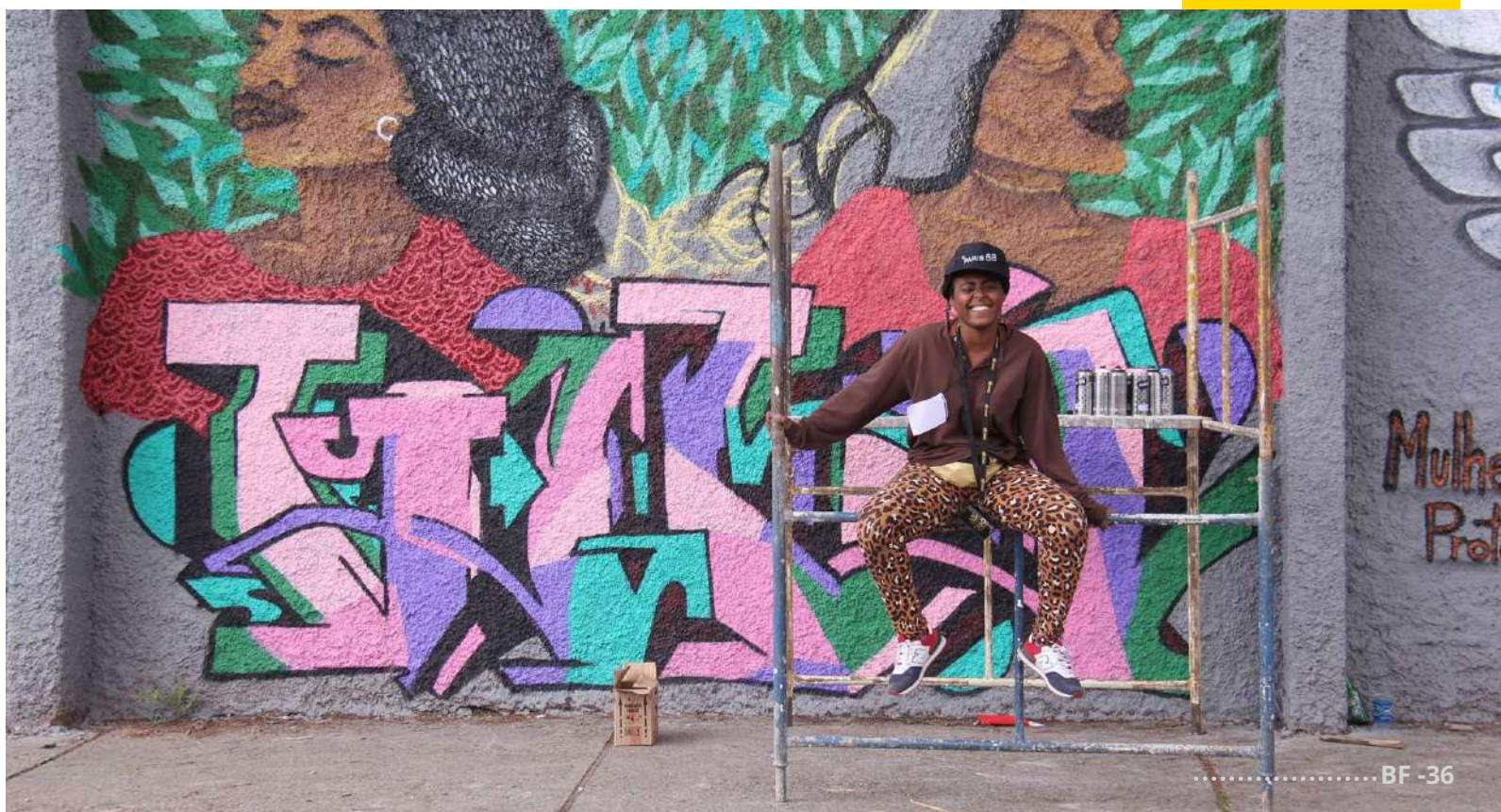
Os trabalhos de Srt.as tentam representar essas mulheres negras, usando muitas cores e sempre buscando uma relação com o espaço onde está pintando e as mulheres negras, o objetivo é que elas se identifiquem com a arte, e que despertem curiosidade sobre quem são e sua história.

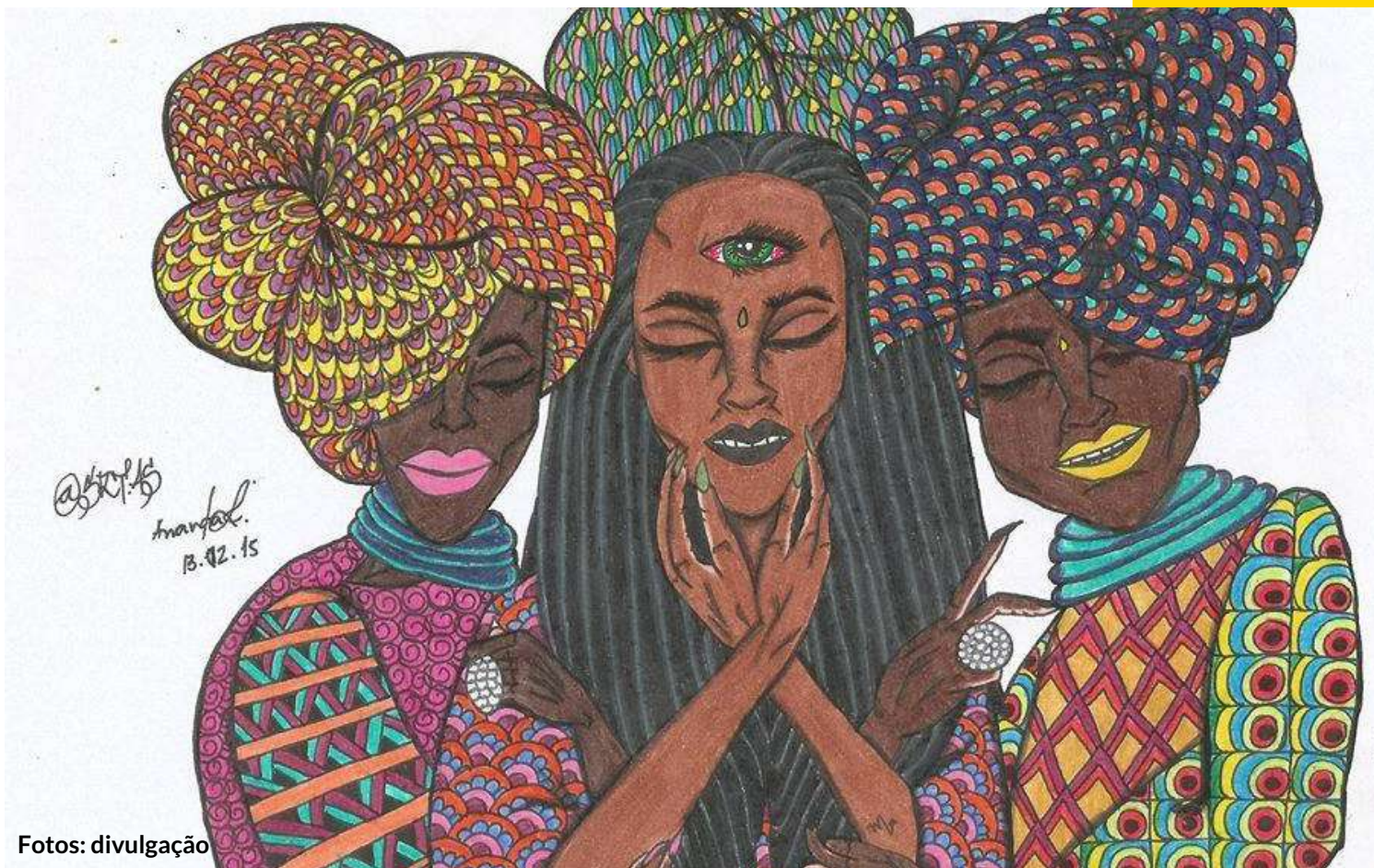
Como artista negra, surgem para a Ananda questionamentos como qual a razão de fazer arte, ou de se cobrar muito, de questionar se o seu trampo, de sua obra estar sendo boa o suficiente para estar em determinados locais.

“É um processo de busca intensa, onde muitas vezes somos passadas para trás, refiro-me à muitas vezes estar em um mesmo nível técnico de uma grafiteira branca ou um grafiteiro branco e, ainda assim, ser preterida ou deixada de canto.”

Ananda acrescenta que há vários outros fatores da realidade da mulher negra no país que também contribui com sua ausência na arte, como o deslocamento das artistas negras, a condição financeira, o material de graffiti, que é caro, e também as vivências pessoais, onde todo um sistema social desigual aumenta os problemas. Para a artista, toda essa questão só pode ser consertada com uma rede de fortalecimento, de união e conexão entre as artistas negras.









CENA TRAP GANHA NOVO SELO

Yunk Vito (foto acima) é o primeiro artista do selo **Labbel Records**, a ala trap da **Boggie Naípe**. No dia 13 de fevereiro, rolou o coquetel de audição da “**Mixtape 237**”, no Olga 17, casa que fica na região da Barra Funda.

Além de curtirem os hits do trap internacional e nacional, os fãs de **Yunk Vito** ouviram e bateram cabeça com as faixas de sua mixtape. Também estavam presentes os representantes da Black PiPe Entretenimento, entre outros veículos do rap brasileiro. A coluna Bass&Pop registrou algumas cenas do evento que colocou nas ruas mais um selo de trap que promete agitar a cena.

De acordo com um dos responsáveis pelo selo Labbel Records, Kaire Jorge (segunda foto à direita), o empreendimento “nasceu dentro da produtora e surgiu da necessidade de ser uma nova forma de comunicação da empresa com esse novo público”.

Confira as fotos feitas por **Mateus Rodrigues** para a coluna **Bass&POP**.





MIXTURA.COM.BR

Mixtura é uma plataforma de rádio online. Idealizada e produzida por Jaime Diko Lopes, morador do bairro Jardim Monte Azul, na zona sul de São Paulo, a plataforma web disponibiliza sua grade para todos que queiram participar da iniciativa colaborativa. A apropriação e a interação do público é o que define a diversidade da programação. Promover a troca, registrar e difundir a variedade de interesses e vertentes musicais e artísticas da comunidade é a intenção do projeto em desenvolvimento.





NOVOS SAMPLES

Seres Tapes criam rimas e climas contra a mesmice

Reunidos na Água Rasa, bairro da zona leste de São Paulo, os jovens artistas Andersoul Rap's (MC, beatmaker e produtor), Nick BPS e Rodrigo Madeira (MCs e beatmakers) e Mateus Rod (MC e produtor audiovisual) decidiram criar o coletivo independente Seres Tapes.

Eles já se conheciam há um bom tempo, faziam seus raps, algumas colaborações, mas nada além disso.

A ideia principal era reunir a produção artística dos integrantes e divulgar a estética alternativa e periférica influenciada pelos DJs e MCs da velha escola do underground, mas mantendo a conexão com os temas, climas e cenas atuais.

Os manos resolveram montar um home studio e, a partir daí, as produções não pararam. O ano era 2017.

Após três anos, entre versos feitos e dispensados, beats criados no FL Studio e no Ableton Live, temas utilizados e rejeitados, o coletivo chegou a um consenso e lançou o álbum "Seres", trabalho repleto de personalidade, com beats encorpados que flertam com a Golden Era e são o suporte para as neuras e esperanças de cada integrante do Seres Tapes.

O primeiro trabalho do coletivo/selo/gravadora apresenta rimas simples, diretas, letras que descrevem o cotidiano de MCs e beatmakers que cansaram de esperar por oportunidades na disputada cena rap. Falar o que é real, ser real.

O caminho é difícil, mas o primeiro passo foi dado.

No melhor estilo "faça você mesmo", coletivo da zona leste de São Paulo lança álbum com beats densos que resistem aos timbres que dominam a cena atual

Com diferentes beatmakers e um responsável pela produção audiovisual, os membros do Seres Tapes afirmam que não houve muito conflito na escolha dos instrumentais para o disco “Seres”, produção e edição foram discutidas e compartilhadas.

De 2017 para cá, cada artista aprendeu com o outro. Juntando letras antigas e martelando novos beats nos fones de ouvidos, os MCs perceberam que havia uma conexão entre os assuntos de seus raps.

Muita coisa foi escrita em momentos diferentes, mas cada rima deu sentido ao álbum “Seres”, lançado no mês de janeiro.

Trazer o clima noventista para o disco foi uma meta alcançada de forma natural.

Segundo o coletivo, “Seres” é um disco lançado em 2020 com a atmosfera da metade da década de 1990.

Os rappers do Seres Tapes sabem que há ancestralidade, respeitam o pioneirismo e luta dos artistas que construíram o rap brasileiro.

Sem ficar dando carteirada, sem ficar em cima do muro, mostram que outros caminhos podem ser traçados.



Clique na capa para ouvir o álbum "Seres"





EXPEDIENTE

EQUIPE BOCADA FORTE

*Diretoria-Executiva: André Cesário e Preto Claudinho
Redação: Erica Bastos, Gil Souza, Gilberto Yoshinaga,
Noise D, Barbara, Luciene*

ESTÚDIO BF

*Jaime Diko Lopes
DJ Nando
CCCA (Central de Criação de
Conteúdo Alternativo)*

Colaborou nesta edição: Jeff Ferreira

Contato: imprensa@bocadaforte.com.br

Publicidade: centralhh.com.br/produto/publicidadebf
